

CONTRASTES URBANOS

# Parque da Cidade convive com fantasmas do passado

**Enquanto Castelinho foi recuperado, bicicletário e pedalinhos decaem**

Cristina Fausta

Em 2006, o Castelinho do Parque da Cidade Sarah Kubitschek deixou de ser uma estrutura abandonada e foi revitalizado. Hoje, o local ainda não voltou a ser frequentado pelas escolas, que nos idos de 80, levavam centenas de crianças para passarem o dia no castelo, onde, além das inúmeras possibilidades de brincadeiras, ainda oferece uma bela estrutura para pais passarem o dia com os filhos. Nos vários cômodos dos castelos, há mesinhas, banquinhos, tudo limpo e conservado, perfeito para um piquenique.

Os usuários do parque comemoram a revitalização do castelinho, mas cobram os pedalinhos e o bicicletário e a reativação da Piscina de Ondas, hoje os três fantasmas do parque. Há uma semana, o **Jornal do Brasil** também mostrou a atual situação da piscina, que está fechada desde 1997 e hoje está com sua área totalmente depredada. Mas um problema maior impede que esta diversão volte à tona. E que é preciso fazer licitações para reativá-los, mas o parque, assim como a maioria dos 73 parques do Distrito Federal, não tem registro em cartório, o que impede o processo licitatório.

Segundo a administradora do parque, Joseni da Silva Ferreira, foi criada uma comissão de licitação dentro do Instituto Brasília Ambiental (Ibran) para resolver o pro-

blema. A presidente da comissão, Valéria dos Santos disse que os estudos estão em curso, mas adiantou que os três itens não são prioridade do governo neste momento.

— Todas as áreas do parque estão sob estudo. Mas nossa prioridade são as áreas que estão em funcionamento, que estão com a concessão precária, ou seja, com a licença vencida e com o processo de regularização em análise, como áreas do Nicolândia e da Galeria Alpinus — explicou Valéria dos Santos.

#### Falta de pagamento

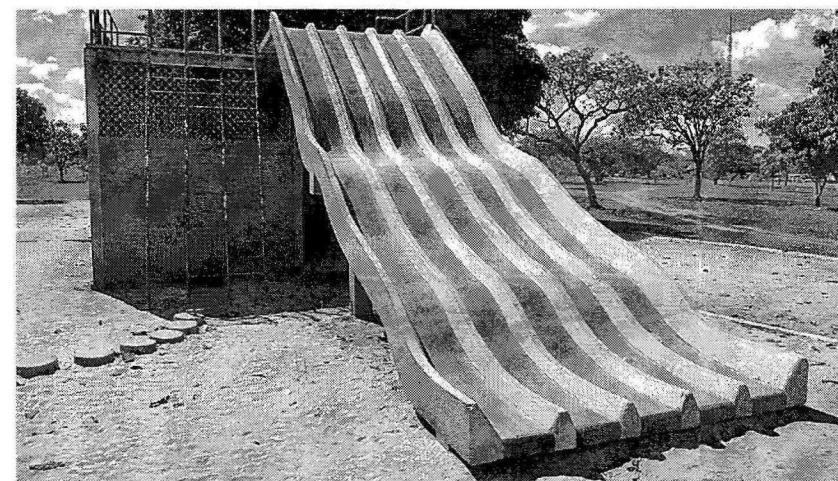
Joseni da Silva contou que o havia um casal responsável pela administração dos pedalinhos, mas o governo retirou a concessão dos empresários porque eles deixaram de repassar o percentual devido ao GDF. O empresário responsável pelo bicicletário também foi obrigado a deixar o parque por falta de pagamento.

No projeto original do parque, segundo explicou a administradora, está previsto os pedalinhos e o bicicletário, o que aponta que o parque está perdendo suas características.

— Estamos tentando reencontrar a identidade do parque — disse Joseni da Silva.

#### Curioso

Hoje, a falta de registro impede que haja licitação de áreas do parque. Mas cabe um questionamento. O parque, que completa 30 anos



**CASTELINHO** — obra foi revitalizada e está pronto a ser aproveitado para as brincadeiras das crianças, mas dificuldades formais impediram que a reforma chegasse ao parquinho (ao lado) e a áreas mais sofisticadas, como a tradicional Piscina de Ondas ou mesmo o bicicletário

em outubro, nunca teve esse registro cartorial, embora houvesse — e há — concessões do governo para empresas trabalharem nas dependências do parque.

— As concessões eram liberadas aleatoriamente. Por isso, hoje temos tantos problemas — explicou Joseni da Silva.

A falta do registro ainda abre precedência para outras irregularidades. As tendas de massagens e de venda de alimentos são um dos grandes problemas que a administração tem hoje. No enfrentamento pela regularização, a administradora tem até enfrentado ameaças de morte.

— Há um fator legal nesse governo que é a coragem do go-

vernador José Roberto Arruda de regularizar a cidade e, consequentemente, o parque. A Vigilância Sanitária já esteve aqui, fez um relatório e disse que a situação dos vendedores de alimentos aqui é irregular. A situação dos massagistas também. Não podemos deixar que aconteça no parque o que ocorreu na cidade, ou seja, que haja puxadinhos e ambulantes por todo lado — disse Joseni da Silva.

#### Setorização não é respeitada

Outro desvirtuamento do parque é a setorização, que também faz parte do projeto inicial. A arquiteta Joana Tanure fez mestrado na UnB sobre o tema e sua dissertação foi sobre o projeto original do parque e como

ele foi implementado. Segundo ela, o parque deveria cinco setores: administrativo, cultural, esportivo, o pavilhão e a área do lago.

— Cada setor tinha suas funções previstas, mas esse plano sequer chegou a ser implementado. Isso ocorreu porque Elmo Serejo, governador da capital no final da década de 70, teve pressa em inaugurar o parque e atropelou o projeto — disse a arquiteta.

Joana Tanure procura um meio para divulgar seu trabalho e contar a população de Brasília a história do parque.

— Os brasilienses não conhecem a o valor cultural e até artístico desse parque que é inovador — justificou Joana Tanure.